



Fotografar, fazer fotografias, é um acto de paixão e descoberta, marcas indeléveis de um tempo, de um momento, de uma sensação.

Luis Quinta, nesta Exposição, revela-nos uma baía de Angra marcada pela sua biodiversidade marinha, num olhar que nos prende e cativa pela emotividade das imagens, fazendo-nos sentir parte de um património subaquático inebriante, onde a limpidez das águas dá ainda mais realce à multiplicidade de cores, facto só possível por, em tempo útil, termos impedido que os esgotos da cidade continuassem e ser despejados na nossa baía.

E a nossa baía é a alma da nossa cidade, a ela lhe devemos o nome. Conhecê-la é conhecer os modos e as formas como a cidade foi evoluindo, porto de abrigo seguro de navegantes, entreposto comercial, cidade do mundo no coração do Atlântico.

E a mestria do trabalho de Luis Quinta é motivo de orgulho para todos nós.

Fotógrafo conceituado, pioneiro na fotografia subaquática, fundador e director, durante 11 anos, da revista Mundo Submerso, já com 20 anos de carreira, tem publicado centenas de trabalhos em diversas partes do mundo, dando a conhecer a sua paixão e a sua arte e o modo apaixonado como a vive, o que lhe mereceu prémios nacionais e internacionais.

A sua exposição sobre a baía de Angra não deixa ninguém indiferente e prova bem a velha frase que refere valer mais uma imagem do que mil palavras.

Andreia Cardoso
Presidente da Câmara Municipal
de Angra do Heroísmo



Angra do Heroísmo



Organização:
Câmara Municipal de Angra do Heroísmo,
no âmbito das comemorações dos 475 anos da cidade,
Agosto de 2009

Grafismo, desenho e montagem da exposição:
Rui Melo

Agradecimentos do autor:
Catarina Garcia
Equipa *Anfibius*

Luís Quinta

Património Subaquático da Baía de Angra do Heroísmo



Angra do Heroísmo





Luis Quinta

nasceu em Lisboa a 6 de Março de 1965.

Aos 14 anos iniciou os seus passeios submarinos em Sesimbra e em 1988 fez as suas primeiras fotografias subaquáticas.

Desde então, mergulhou por todo o país, desde as remotas Ilhas Selvagens no Arquipélago da Madeira até à distante Ilha do Corvo nos Açores. Conhece a costa continental de Norte a Sul e já desceu todos os montes submarinos portugueses. Ao longo dos 20 anos de carreira publicou cerca de um milhar de artigos, reportagens e trabalhos fotográficos na imprensa nacional (por exemplo: National Geographic Magazine, Rotas do Mundo, Grande Reportagem, Volta ao Mundo, Rotas e Destinos, Visão, Público, Expresso, Diário de Notícias, entre muitos outros). No estrangeiro, publicou várias dezenas de trabalhos, nomeadamente nos E.U.A., Alemanha, Inglaterra, França, Espanha, Itália, Polónia, e Israel. Além dos jornais e revistas publicou ainda várias imagens em livros, quer em Portugal, quer no estrangeiro.

Colabora com diversos Museus e Universidades, com destaque para o Departamento de Oceanografia e Pescas da Universidade dos Açores e o Museu Nacional de História Natural.

Tem colaborado fotograficamente com diversas organizações ambientalistas, como por exemplo, World Wildlife Fund, World Conservation Society, Greenpeace, entre outras.

É autor de três livros de fotografia submarina: "Instantes de Luz no Oceano" – Maio 1998, "Além do Azul" – Dezembro 2001 e "Açores, Memórias do Azul" – Março 2006.

Fundou e dirigiu a revista Mundo Submerso desde 1996 até Novembro de 2007.

Recebeu o primeiro prémio na categoria de Reportagem Submarina no mais prestigiado Festival Mundial de Imagem Submarina do Mundo, em Antibes (França) em 1993.

Em Novembro de 2004 foi homenageado pelo Governo Português pelo seu trabalho na área da fotografia subaquática, sendo designado um dos "Novos Heróis do Mar".



O Luís Quinta é um excelente fotógrafo de natureza. “Excelente” pela sua capacidade de obtenção de imagens que, para além de ilustrarem uma realidade, fazem a nossa imaginação flutuar sobre o tema e ir procurar mais informação ou dão-nos aquela inspiração que nos faz resolver o maior problema do mundo. Mas não fica por aqui. O Luís Quinta é também um mestre. É um fotógrafo que não se fecha no seu mundo, antes pelo contrário. O Luís ensina tudo o que sabe e está sempre pronto para colaborar em qualquer projecto interessante. Desde o pequeno detalhe do urticante verme-do-fogo até à espectacular paisagem subaquática o Luís ilustra, o Luís partilha e o Luís ensina.

Já nem sei há quantos anos encontrei o Luís pela primeira vez nos Açores... Seria a meio dos anos 90, certamente, mas para ele não era a primeira vez que pisava o solo desta terra e que mergulhava no nosso mar. Desde então, tenho acompanhado as suas frequentes sessões de trabalho com os cientistas marinhos dos Açores, as suas aulas e as competições onde é sempre convidado para júri.

Este último detalhe é importante. Porque, de facto, é conhecedor da matéria, porque é afável e porque é reconhecidamente imparcial, o Kinta (para os amigos) transformou-se numa das maiores referências nacionais do mergulho e da fotografia do mundo selvagem. Lentamente, também com umas aventuras no mundo do vídeo, foi-se impondo como uma promessa na comunicação da natureza de Portugal. Com intervenções críticas e pertinentes sobre a gestão do mundo natural, desde que criou a revista Mundo Submerso que é ouvido por todos e as suas sugestões, se não seguidas totalmente, são excelentes auxílios à decisão.

A selecção de imagens que aqui é feita dá-nos a Baía de Angra num “instantâneo”. Ao ver estas imagens, identifica-se imediatamente um mergulho numa zona costeira dos Açores. Desde a fonte de vida, representada pela “postura de castanheta”, até aos detalhes de rainhas, como só o Luís Quinta consegue fazer, tudo é ambiente marinho entre a rocha e a areia dos Açores. Pessoalmente, neste local, não esqueço o dia em que, em plenos destroços do Lidador, o mais pequeno polvo que havia observado intrepidamente me atacou a máscara de mergulho. O pequenote ainda me pregou um belo susto.

O Luís Quinta capta interessantíssimos detalhes. Por exemplo, desafio que, honestamente, detectem as diferenças entre a solha e a areia. Se não fosse o rebordo da barbatana o mimetismo seria quase perfeito. Dentro de água, com este padrão e o total imobilismo, são verdadeiras espãs que apenas detectamos depois de treinarmos o olho.

Mas o que individualiza a Baía de Angra são os achados arqueológicos. Para além do mundo natural, não beliscado, entre âncoras largadas em desespero, canhões dos derrotados e fantasmas de cascos que foram as naves espaciais quincentistas, respira-se aqui humanidade, aventuras e desastres trágicos, uns vítimas do vento carpinteiro, dos azedumes de Neptuno, outros da inépcia, incúria ou da maldade que caracteriza todos os confrontos. A Baía é uma assinatura do passado açoriano. Estes são os 475 anos da Angra cidade, aquele momento que fica entre o pequeno povoado e o Heroísmo que hoje, por direito próprio, embeleza o seu nome e dá orgulho aos aqui nados.

Frederico Cardigos
Biólogo marinho



Conheci o Luís Quinta em 1996 nos Campeonatos Nacionais de Fotografia Subaquática, modalidade em que cedo se destacou vencendo em inúmeros concursos de fotografia e obtendo resultados que o levaram a representar Portugal em sucessivas Competições Internacionais. Confesso que naquela altura me fazia confusão como é que imagens de tanta sensibilidade poderiam ser pontuadas de um modo tão cru e insensível. Como é que se poderia competir por esta arte? Com o tempo habituei-me a perceber quando é que um peixe está em boa posição para a imagem, quando é que se pode considerar uma boa macro ou quando é que o modelo está ou não bem posicionado. Passei também a ajudar, sempre que fazia equipa com o meu pai, também ele fotógrafo subaquático, na escolha de imagens e a perceber os critérios da qualidade da fotografia subaquática.

Foi pois com grande satisfação que recebi o convite do Luís Quinta, após o contacto da Câmara de Angra do Heroísmo, para lhe mostrar a baía de Angra pela perspectiva do património. Foi uma oportunidade de colaborar na busca de bons motivos de registo que tão bem conheço pois a baía de Angra, apesar de ser um porto, é também um meio rico em biodiversidade que pode ser observada e desfrutada por quem mergulha nestas águas, sendo ao mesmo tempo uma zona protegida com o estatuto de Parque Arqueológico.

Sabemos que o Luís Quinta ao longo do seu percurso fez vários trabalhos de grande qualidade sobre os Açores, nomeadamente as suas fotografias sobre cetáceos, entre outros que nos encantam e deslumbram. No entanto, nunca tinha sido seu objectivo retratar o meio subaquático da baía de Angra. O registo fotográfico em arqueologia é um dos métodos mais importantes para a interpretação e estudo e nem sempre as questões estéticas estão subjacentes a esse registo. Contudo ter a oportunidade de partilhar da visão dos sítios arqueológicos subaquáticos com o Luís Quinta foi fantástico uma vez que permitiu olhar para o mesmo lugar através de um outro olhar.

Nesta exposição podemos apreciar imagens que vão desde vestígios de um naufrágio do século XVII, a canhões e às grandes âncoras deixadas pelos navios que escalaram o porto de Angra, bem como imagens do bem conhecido Lidador, um vapor que naufragou em frente ao cais da Figueirinha em 1878. Igualmente encontramos nesta exposição imagens de espécies marinhas que poderiam ser captadas em qualquer zona dos Açores, mas que estão presentes também aqui no interior da baía de Angra e que, sob a objectiva do Luís Quinta, nos são reveladas de uma forma extremamente bonita e plástica. Pela câmara do Luís Quinta é-nos mostrado esse meio que não é observável por aqueles que não mergulham. Para os que mergulham o Luís trás uma abordagem que nos obriga a distanciar do que estamos habituados a observar e por exemplo, conseguirmos apreciar a beleza, a textura das cores e a composição de uma Água Viva.

Ao visitarmos esta exposição, mergulhadores ou não mergulhadores podemos tomar contacto com este universo subaquático onde património arqueológico e biodiversidade se misturam e convivem lado a lado.

Catarina Garcia
Arqueóloga subaquática